

A ANGÚSTIA E O DESPERTAR DA LIBERDADE: INDICAÇÕES PARA UMA PSICOLOGIA CLÍNICA PRÓXIMA À EXISTÊNCIA

*THE ANGUISH AND THE AWAKENING OF FREEDOM: INDICATIONS
FOR A PSYCHOLOGICAL CLINIC CLOSE TO EXISTENCE*

Maitê Sartori Vieira¹

RESUMO

O presente estudo propõe elucidar como Vigilius Haufniensis, pseudônimo do pensador dinamarquês Søren Aaybe Kierkegaard (1813-1855), em sua obra *O conceito de angústia* (1844/2016), pensa a Psicologia e o seu respectivo objeto de estudo, apontado pelo autor, como a angústia. Seguindo esse caminho, pretendemos explicitar um modo possível de se pensar a psicologia clínica inspirada no pensamento de Haufniensis. Para tanto, elucidaremos quais as contribuições da obra para a psicologia, esclareceremos o conceito de angústia, objeto de estudo da Psicologia apontado por ele, e desenvolveremos, ao final desse caminho, uma compreensão de como a obra *O conceito de angústia* (1844/2016) pode auxiliar-nos no exercício da psicologia clínica em sua especificidade existencial.

Palavras-chave: Angústia. Clínica Psicológica. Psicologia Existencial. Kierkegaard.

¹ Psicóloga, graduada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com Formação Teórico-Prática em Psicoterapia Fenomenológico-Existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Atualmente é Mestranda em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS-UERJ) e bolsista da CAPES. *E-mail*: maitesartori@id.uff.br.

ABSTRACT

This study proposes to elucidate how Vigilius Haufniensis, pseudonym of the danish thinker Søren Aaybe Kierkegaard (1813-1855), in his book *The concept of anguish* (1844/2016), approaches Psychology and our respective object of study, pointed out by the author, as anguish. Following this path, we intend to explain a possible way of thinking about psychological clinic inspired by Haufniensis's thoughts. Therefore, we will elucidate the contributions of the book to psychology, clarify the concept of anguish, object of study of Psychology pointed out by him, and develop, at the end of this path, an understanding of how the book *The concept of anguish* (1844/2016) can assist us in the exercise of psychological clinic in its existential specificity.

Keywords: Anguish. Psychological Clinic. Existential Psychology. Kierkegaard.

INTRODUÇÃO

O pensador dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) é constantemente referido pelos estudiosos da psicologia clínica existencial como o fundador do que entendemos hoje por Existencialismo, conforme Rollo May explicita em seu texto intitulado *A origem e significância do movimento existencial em psicologia* (1948/1977). Com uma pluralidade enorme, em seus escritos, Kierkegaard refletiu sobre diversas questões da existência que são próprias da Psicologia: a angústia, o desespero humano, o matrimônio, os estádios da existência. Em suas obras, mostrou a existência em si mesma, como ela se desvela na experiência a cada instante, trazendo situações singulares em tensão com o universal.

Neste trabalho², deter-me-ei na obra *O conceito de angústia* (1844/2016), escrita pelo pseudônimo Vigilius Haufniensis (Vigia de Copenhague), uma obra que se preocupa em mostrar como a angústia aparece no homem e, portanto, no mundo. Em seu escrito, o autor trabalha diversas questões muito pertinentes para a Psicologia. Já no início, o pseudônimo nos aponta um caminho para se pensar a ciência psicológica e qual deveria ser o seu objeto de estudo. A obra se desenvolve no mostrar-se desse objeto, a angústia, sempre intercalando sua compreensão com a Psicologia e as suas indicações para a mesma. Com tom sarcástico e referências irônicas à Psicologia da sua época, uma psicologia cientificista, Kierkegaard, sob a voz de seu pseudônimo, nos aponta um caminho para o nosso atuar, que seja próximo à existência, copiando os contornos da possibilidade. A questão relativa ao modo como ele compreende a Psicologia e o seu respectivo objeto de estudo, se mostra, portanto, essencial no esforço de pensarmos a indicação de uma psicologia inspirada no pensamento do filósofo dinamarquês, em que o enfoque está na existência e como a angústia se mostra na vida, no acontecer próprio do existir.

Em seus escritos, Haufniensis define a angústia como o objeto da psicologia, trazendo uma importante contribuição à psicologia e à clínica psicológica ao investigar a mesma como um aspecto constitutivo da existência e sempre atrelada ao caráter mais próprio do homem (FEIJOO et al., 2013). O autor define a angústia como “a realidade da liberdade como possibilidade para a possibilidade” (KIERKEGAARD, 1844/2016, p. 45), não como algo intrínseco ao homem ou causal, mas relacionado ao caráter da existência do homem enquanto tal. A angústia devolve para o homem o

² Na redação deste artigo optamos pela utilização dos parâmetros estabelecidos pela American Psychological Association (APA).

que há de mais fundamental em sua existência, a liberdade diante das possibilidades sempre em jogo no existir.

Com o intuito de buscar uma compreensão existencial do fenômeno da angústia, como ele compreende a Psicologia e quais são as suas contribuições para a clínica psicológica existencial, tal qual compreendemos hoje, nos aprofundaremos na obra de Vigilius Haufniensis (1844/2016). Começaremos por esclarecer como o autor da obra nos indica uma compreensão da Psicologia próxima ao desvelar da existência, em contraste com a lógica do científico e da Psicologia da sua época. Em seguida elucidaremos o objeto de estudo indicado por Vigilius Haufniensis, a angústia e o seu caráter constitutivo do modo de ser do indivíduo. Como movimento final, pensaremos como esta obra pode sustentar a clínica psicológica como possibilidade de aproximação do indivíduo consigo mesmo.

1 POR UMA PSICOLOGIA PRÓXIMA À *TERRA FIRME*

Vigilius Haufniensis começa a obra *O conceito de angústia* (1844/2016) introduzindo a questão sobre a ciência da sua época. Já na primeira página dos seus escritos, o autor aponta para um movimento comum do cientificismo de delimitar especificamente o lugar de cada área científica, fazendo com que, assim, percamos de vista a *terra firme*, a existência mesma em sua multiplicidade. Há uma divisão nas ciências, como se pudéssemos separar a vida em pedaços para, assim, seguindo uma lógica, definir verdades sobre cada pedaço. Nessa definição, a vida se perde em sua pluralidade. Entretanto, cada ciência, nessa delimitação, possui uma atmosfera correspondente, um modo de olhar singular em relação ao seu objeto de estudo. Portanto, devemos ter cuidado para estarmos na atmosfera correspondente para conseguirmos ter olhos para ver aquilo que se mostra em seu próprio mostrar-se.

Científico, para Haufniensis, não diz respeito ao científico da ciência moderna, mas ao científico referido à Hegel, filósofo da época que, em boa parte dos escritos, Kierkegaard critica. Científico, portanto, para Haufniensis, diz respeito à ciência da lógica, ciência que quer estabelecer limites, representações, e não deixa a vida aparecer em seu próprio mostrar-se. Hegel parte da Lógica para ver a realidade, a vida, e considera a *realidade* como o estágio final da Lógica, o que Haufniensis discorda. Qualquer tentativa de se abarcar a realidade é em vão, pois a contingência do existir, aquilo que acontece todos os dias, os limites com que esbarramos na existência, nos escapa. O acaso, o mistério da vida, não é possível de ser abarcado pela lógica.

A ciência lógica perde de vista a *terra firme*, a existência, o que está mais perto de todos nós. A Lógica deixa a *terra firme* quando traz a si mesma como substrato para se pensar o que se dá na vida. Nela não há movimento, não há “vir a ser” (KIERKEGAARD, 1844/2016, p. 15). Na lógica tudo é, tudo é estado. Tudo se mantém como um movimento linear, com um antes e um depois, um porquê e uma explicação. A vida, em seu acontecer, some em prol do cálculo. Se há um movimento entre uma causa e um efeito, é um movimento imanente e necessário, um estado, “o que num sentido mais profundo não é nenhum movimento” (KIERKEGAARD, 1844/2016, p. 15).

A lógica tem um desinteresse, não tem vida. Ela sempre dá conta de tudo, sempre conta com algo para pensar a existência, com pressupostos, se distanciando da vida. Para Haufniensis, a *terra firme* é a existência e quando há o seu afastamento, com a colocação de algo no meio, perde-se o que é mais próprio e próximo. Haufniensis aponta a contingência da dimensão singular como um elemento copertendente da experiência. A existência é paradoxo, não há uma resolução, a superação dos polos. O paradoxo é justamente a manutenção da tensão entre os polos.

Como a ciência da lógica, Haufniensis nos fala que a atmosfera da Psicologia da sua época seria a de uma curiosidade que antipatiza, que busca espionar, mas sem muito interesse, sem paixão, porque deseja ver tudo como um estado. A psicologia vigente da época que foi escrita a obra *O conceito de angústia* (1844/2016) era uma psicologia que buscava encontrar explicações fisiológicas, empíricas e estatísticas para o que se dava na existência, seguindo as indicações das ciências naturais (PIND, 2016). Haufniensis critica essa psicologia, argumentando que os psicólogos da sua época não usufruem da liberdade que têm de estudar a variedade da existência humana, que esqueceram o *borbulhante* da vida, querendo prever e controlar os passos do homem, calculando sua singularidade. Essa Psicologia perde seu tempo buscando sistematizar, sem sucesso, a experiência cotidiana, quando poderia simplesmente acompanhá-la em sua riqueza (MATTA, 2016). Apesar de ter sido escrita no século XIX, tal crítica continua muito atual diante do contexto histórico que a Psicologia vive.

A Psicologia, como ciência, para se fundar e ser aceita precisou cumprir o decálogo do saber, buscando objetividade, embasamento matemático e a determinação de um elemento básico de investigação (ÁLVARO; GARRIDO, 2017). Para alcançar isso, se apoiou nos conceitos e métodos das ciências naturais. As ciências naturais, no intuito de procurar objetividades e certezas, utilizam-se de lógicas para ver o que se dá na vida, assim como Hegel, em sua filosofia. Da mesma forma, a Psicologia

procurou se afastar da vida para, através da lógica, pensar o homem. Esta psicologia científica que preconiza a lógica se coloca apartada da experiência como uma rede de sentido entrelaçada ao contexto histórico. Em busca da análise de uma instância psíquica, de algo para delimitar o modo de ser do homem e o objeto de estudo da Psicologia, os cientistas do psiquismo humano ignoraram o mundo e os outros como aspectos constitutivos do modo de ser do homem.

A Psicologia, quando criada, partindo sempre de um pressuposto, de uma lógica como intermediária para se pensar o homem, se afastou da existência, considerando-se e colocando-se acima da mesma. A vida, com suas inconstâncias e incertezas, indo no caminho contrário das ciências naturais, que afirmam a constância e a certeza, não oferece elementos à psicóloga que busca um solo firme para se dizer ciência a partir dos pressupostos de verdade do cientificismo.

A psicologia científicista conta com o pensamento lógico para se dizer ciência e deseja estabelecer limites e representações, não deixando a vida mesma aparecer, assim como Hegel. Entretanto, o que há de mais próximo de todos nós é a própria vida. Este é o solo mais firme de todos nós. A lógica nos leva para longe, a ponto de nos perdermos em justificativas causais, normalizações e determinações que se anulam e se contradizem por si só, pois, por mais que se tente agarrá-la, a vida escapa. A vida mesma não pode ser abarcada pela lógica, pois as contingências lhe escapam.

A ciência se move em busca de conclusões, em busca de conseguir abarcar os fenômenos, de alcançá-los e explicá-los. O dever para com a ciência faz com que, muitas vezes, percamos-nos em compreensões precipitadas e que olham para o que se mostra já buscando aquilo que se quer encontrar. Um olhar que é carregado por pressupostos que deixam nebuloso, pela lógica, o que se mostra. Este lugar, entretanto, é visto com bons olhos, com aplausos, na sociedade que vivemos que busca o alcance de certezas e verdades fixas. Criticar o lugar do especialismo é criticar uma ordem que diz sobre os âmbitos determinados dos saberes. Estando cada um em seu lugar, o saber se torna protegido e fortificado, mas longe da vida mesma, da sua multiplicidade de fazeres e saberes que se dão na experiência, no cotidiano do viver. A multiplicidade da vida não tem um lugar definido, pois não é possível de ser abarcada, nos resta apenas acompanhá-la em seu devir. A ciência tem a pretensão de poder acolher, com a sua lógica, a realidade. Nesta pretensão, muito se perde, como nos diz Haufniensis (1844/2016):

a perda nos salta aos olhos; pois nem a Lógica nem a realidade são bem servidas com isso. A realidade não sai ganhando, pois a contingência, que é um elemento essencialmente copertendente à realidade, a Lógica jamais poderá deixar infiltrar-se (KIERKEGAARD, 1844/2016, p. 12).

Segundo Haufniensis (1844/2016), a lógica jamais conseguirá abarcar aquilo que constitui o próprio existir: as contingências. As contingências dizem respeito àquilo que não é possível de ser controlado, medido, aquilo que irrompe no existir, o súbito. Um acaso, um inesperado, um mistério. Não é possível assimilar e antecipar a existência, no sentido de capturá-la, devemos tão somente acompanhá-la em seu desenrolar, nos contornos da possibilidade.

Kierkegaard, na voz de Vigilius Haufniensis, diz que a atmosfera da Psicologia deve ser a resistência destemida da seriedade, uma angústia descobridora, copiando os contornos da possibilidade. Dessa forma, o autor nos indica um caminho possível para a Psicologia. Que ela possua sempre uma seriedade, uma seriedade que é angustiada, pois reconhece o caráter de possibilidade da existência, reconhece que a existência não é um estado, mas um contínuo vir a ser. O autor afirma que o lugar da psicologia é próximo à *terra firme*, à existência, no acontecer próprio do existir em seu desvelar. Diz-nos que se tem uma incansável procura para que tudo signifique algo, voando para longe da vida, distanciando-se do que se quer compreender. Ele diz que, sempre que um conceito for levado muito longe, é melhor que ele volte para sua morada para se tornar sóbrio de novo após a sua embriaguez (KIERKEGAARD, 1844/2016). Ou seja, quando o conceito é tirado da sua morada para ser compreendido através de intermediações, de lógicas, ele se altera pelas próprias mediações. É preciso que se pense o conceito em sua morada, como ele se mostra.

A vida pode ser vista e compreendida nela mesma e isso é possível para qualquer ser humano que se aproxima de si mesmo e sabe o que nenhuma ciência sabe, que ele é quem ele é. Diz-nos Haufniensis que “o que interessa à Psicologia é tudo o que existe, tudo o que acontece todos os dias, contanto que o observador esteja lá” (KIERKEGAARD, 1844/2016, p. 84). Ele enfatiza o lugar de importância do observador e como deve ser essa observação, que a disposição do psicólogo deve se encontrar na atmosfera da angústia daquele que explora (KIERKEGAARD, 1844/2016). Trata-se de explorar a vida nela mesma, tal como ela se dá no cotidiano, estando atento aos detalhes e nuances. A Psicologia, mais do que qualquer outra ciência, segundo Haufniensis (1844/2016) tem o direito de se ocupar da experiência,

do cotidiano e mergulhar nos mesmos, acompanhando o homem comum em seu agir cotidiano. A vida em si mesma já é bastante rica se tivermos olhos para observá-la. O seu objeto de estudo é o mostrar-se da liberdade para si mesma, a angústia. Entretanto, o que Haufniensis quer dizer quando ele se refere à angústia?

1.1 A ANGÚSTIA COMO O MOSTRAR-SE DA LIBERDADE

O pseudônimo do dinamarquês Kierkegaard, em sua obra *O conceito de angústia* (1844/2016) diz que a Psicologia deve ter por objeto de estudo algo de estável, que possui uma tranquilidade em seu movimento. O elemento estável é onde constantemente surge a possibilidade, a atmosfera da angústia. O campo das possibilidades sempre se abre no nosso horizonte, pois originalmente somos liberdade. Ele surge, não como um dever necessário, mas como liberdade (KIERKEGAARD, 1844/2016). Esse dever não se dá como uma determinação, como algo que se coloca de modo fixo, que surge sempre da mesma forma, mas se dá como abertura e, sendo uma possibilidade, cabe a cada um se posicionar do modo como for possível para si. O surgir da possibilidade, apesar de possuir um solo estável, a liberdade, sempre possui um movimento, pois as possibilidades se abrem e se ocultam em um constante fluir.

A angústia se dá no momento em que a liberdade *mostra-se-para-si-mesma*. No momento que nos damos conta que somos liberdade como possibilidade para a possibilidade, temos que nos posicionar. Há todo tempo, um campo de possibilidade se abre em nosso existir e temos que nos posicionar diante dele. O ter de ser, o ter que se posicionar é um caráter próprio do modo de ser do humano, mas muitas vezes estamos adormecidos para ele. Nos tomamos como determinados, colocando a culpa nos outros ou no mundo por aquilo que diz sobre a nossa existência e o que há de mais próprio nela. Nos tomamos como multidão, como todo-mundo, tiramos a responsabilidade que cabe a nós e colocamos no número, em todos que, ao mesmo tempo, não é ninguém.

Para Kierkegaard (1859/1986), o homem vive normalmente na ilusão de ser o que, em ato, não é, tornando-se uma *ovelha no rebanho*. Vive-se sem refletir sobre o que está a sua volta, imerso na demanda direcionada pela multidão. Sem estar próximo de si, age como todos agem, pensa como todos pensam, como um seixo que rola de acordo com a correnteza, sem ângulos.

Na multidão, o indivíduo não é singular, apenas um exemplar (KIERKEGAARD, 1859/1986). Um exemplar que vive de acordo como se fala que tem que viver. Se

trabalha, se vive, mas não como único e sim como um exemplar, como um numérico, mais um. Esta multidão é ninguém, apesar de ser tomada como a Verdade. Há uma concepção de que a verdade está presente na multidão, como se as pessoas fossem menores diante do todo que é a sociedade e a humanidade. Imersos nesse todo, nessa multidão, há uma ausência de responsabilidade e arrependimento ou, ao menos, há uma atenuação da responsabilidade do indivíduo, dividindo-a, mas a multidão não é ninguém, é uma abstração, uma rede invisível.

A verdade é que cada um pode ser o único. A verdade está na aproximação consigo mesmo, no que nos constitui como indivíduos. Na multidão, o foco se torna o imediato, o finito, sempre o todo-mundo, nunca o individual. A multidão é o numérico. Essa multidão provoca uma falta ou atenua a responsabilização do indivíduo, fazendo-o crer que não se é completamente responsável por suas atitudes, delegando a outro, delegando à multidão, como se fosse só uma parte de um todo maior que dita quem se é e o que se deve fazer. Por isso, a responsabilidade é colocada neste todo que ao mesmo tempo é nada, é um vazio.

Para Kierkegaard, cada um pode tornar-se um indivíduo singular, aproximar do seu caráter mais próprio da existência; entretanto, muitos não habitam este lugar, excluindo-se de ser, tornando-se apenas mais um na multidão. Haufniensis nos diz, em sua obra, que o despertar para o caráter mais próprio de nós mesmos faz com que o indivíduo se aproxime de si, do seu caráter de liberdade, abertura para as possibilidades. Esse aproximar de si, entretanto, não é algo que se conquista e finda-se por si mesmo. É um aproximar-se que é movimento, um aproximar-se e afastar-se constante da existência. Um perder-se e ganhar-se que se mantém em seu movimento existencial. A atmosfera em que há o despertar da realidade da liberdade como possibilidade para a possibilidade, é a angústia e esta deve ser, segundo o pseudônimo de Kierkegaard, o objeto de estudo da Psicologia.

Para se pensar a angústia de um ponto de vista psicológico, Haufniensis coloca em vista o dogma do pecado hereditário, trazendo para a experiência mesma o angustiar-se, através de uma estória bíblica. Haufniensis define a estória do pecado hereditário como um acordar para o caráter próprio de liberdade do homem, que antes estava adormecido. Na inocência, antes do pecar, Adão está como que adormecido, ignorante do seu próprio existir como liberdade, do seu caráter próprio na existência.

Adão e Eva, antes do pecar, viviam no paraíso, sem refletir sobre a vida que se vivia, tudo estava dado. Tudo era perfeito e harmônico, nada lhes faltava. Seus

espíritos estavam como que sonhando, sem vir à tona. Quando Deus os proíbe de comer o fruto do bem e do mal, algo acontece. O súbito, o salto se dá. No momento em que surgiu a proibição diante da possibilidade de se comer a fruta do bem e do mal, Adão desperta do sono da inocência. No despertar, Adão se vê de uma forma como nunca se viu antes. Viu, diante de si, a realidade da liberdade como possibilidade para a possibilidade. Desperta para o seu caráter próprio de liberdade, desperta para a liberdade de escolher isto ou aquilo, desperta para o seu *ser-capaz-de*. Antes, adormecido, Adão vivia como se devia viver, sem estar desperto para o que se dava em sua existência. No momento em que há a proibição, Adão é tomado pela atmosfera da angústia, que passa a permear todas as suas formas de lida com o mundo. Vendo-se diferente, já não pode mais voltar para a inocência. Despertado, terá que lidar com o acordar para si mesmo.

Adão, no instante do salto, desperta para a possibilidade de ser-capaz-de, mera liberdade como possibilidade antes da possibilidade. Desperta para o caráter de liberdade como possibilidade. Ele não sabe ainda qual decisão tomará, mas a mera possibilidade, o ser-capaz-de, já é suficiente para despertar o indivíduo para aquilo que ele tem de mais próprio em si: a sua liberdade. O indivíduo ainda não tomou uma posição, mas a angústia a toma como se ele já estivesse sem saída, tivesse que se posicionar na existência. Se posicionar diante da tensão que se é. No momento da proibição, Adão desperta para o seu caráter de liberdade. A angústia, para Haufniensis, é o mostrar-se da liberdade no existir. Esse mostrar-se pode se desvelar e velar diversas vezes na existência; portanto, não é algo definitivamente conquistado.

Relacionar-se como angústia é o modo como o homem pode se relacionar consigo mesmo e com a sua condição. Por isso, quanto mais espírito, mais angústia (KIERKEGAARD, 1844/2016). O indivíduo não pode desembaraçar-se de si mesmo, ao mesmo tempo que não pode capturar-se e apreender-se de modo fixo, nem mesmo pode mergulhar em um estado vegetativo, sem se posicionar de algum modo na existência. O ser humano também não pode escolher, de modo voluntário, não ser tomado pela angústia, ao mesmo tempo que ela instaura uma ambiguidade: o inquieta e a faz amá-la. Ele ama a angústia e, ao mesmo tempo, não pode amá-la propriamente, porque tenta fugir dela. Este estado inocente, segundo o autor dinamarquês, apenas pode ser perdido por um salto qualitativo.

O ser-capaz-de não diz respeito ao se posicionar diante desta ou daquela possibilidade, mas sim de sempre estarmos abertos, fundamentalmente, para a possibilidade. É importante afirmar que a expressão *ser-capaz-de* não diz sobre um

voluntarismo, sobre uma vontade do homem que está acima de tudo e de todos. Com esta expressão, Haufniensis (1844/2016) quis ressaltar o caráter mais próprio do homem de ser sempre liberdade como possibilidade para a possibilidade, ou seja, ser sempre um vir-a-ser diante das possibilidades que se mostram na abertura que ele é como relação, que é sempre relação com ele mesmo e com toda a humanidade e sua história. O que se mostra é a liberdade para a possibilidade que se abre diante do indivíduo; as possibilidades não são infinitas e não basta o querer para que elas venham a se efetivar. Não diz respeito à vontade, mas ao que é possível de se mostrar diante de um contexto de significância da existência de cada um.

Haufniensis, para explicar o ser-capaz-de, recobre a palavra latina *potentia* da potência aristotélica (KIERKEGAARD, 1844/2016). O que Aristóteles afirma a partir desta palavra é que todo movimento já é a realização de um movimento da própria coisa que se movimenta. Uma pedra só rola porque é capaz de rolar, o ser pedra já implica o rolar, o rolamento é algo que constitui o ser pedra. O homem, como a pedra, não pode colocar a si mesmo. O homem é posto por algo da ordem do mistério e, no momento que passa a existir, diversas condições do contexto histórico de sentido coexistem com ele. O homem é colocado no mundo por algo da ordem do mistério, entretanto, a sua criação não é fechada, pronta. Não sendo fechado, cabe ao ser humano criar a si mesmo. Uma vez colocado no mundo, ele é entregue à criatura que ele é e precisa sempre se realizar como o existente que é. Sendo, se pode existir de diversas formas, mas ainda assim tem que se viver de alguma forma e lidar com a existência que é sua. O ser humano não pode colocar a si mesmo no mundo, mas, quando ele é posto, é posto em determinadas condições e deve realizar-se dentro das mesmas. O que o homem pode fazer é decidir acolher ou rejeitar o si mesmo que lhe foi dado (PROTASIO, 2015; KIERKEGAARD, 1849/2006).

Uma pessoa, que vive uma vida planejada, no momento em que um imprevisto surge, pode ser tomada por angústia. Uma pessoa, diante da incerteza de sua morte, pode ser tomada por angústia. Uma pessoa, que observa as árvores no decorrer do seu caminho, pode ser tomada por angústia. Qualquer situação pode despertar angústia, pois ela diz respeito aquilo que está aí a todo tempo: a liberdade como possibilidade. A angústia surge não como uma linha reta, mas como um círculo, que mantém constante o seu movimento, sem um término. A angústia surge do nada, do nada que somos. Diante disso, qualquer acontecimento pode fazer com que se desvele aquilo que há de mais constitutivo em nós, o nosso caráter de liberdade diante do campo das possibilidades que está sempre em jogo no existir. É na atmosfera

da angústia que o indivíduo pode relacionar-se consigo mesmo e se aproximar do seu caráter mais próprio. O despertar da angústia pode fazer com que algo irrompa, com que o salto se dê.

O salto diz respeito ao instante em que tudo se desvela de maneira diferente, o instante em que o caráter de liberdade, que abre o vasto campo das possibilidades, se mostra. Nesse momento, o súbito dá-se e a atmosfera da angústia se impõe. Nada de concreto muda numa perspectiva exterior, a vida aparentemente continua a mesma, entretanto, tudo se mostra de uma outra maneira na existência, de uma outra maneira diante do irromper do salto. É justamente esse instante pode ser o que há de mais concreto na vida. O salto que se dá no instante, não muda as coisas em si, mas muda a forma como olhamos para a coisa, para a forma como lidamos com a coisa. O salto nos faz despertar para a abertura indeterminada que nós mesmos somos. O salto surge no instante e junto com ele, a transformação. O salto não tem como ser compreendido logicamente, assim como não se pode prevê-lo e calculá-lo.

No instante do salto, há a aproximação do indivíduo com o caráter mais próprio da sua existência e, nesse instante, há uma transformação. No instante, a temporalidade se mostra de um modo diferente, em um todo que, no seu todo, devolve o que há de mais próprio na existência, a liberdade como possibilidade. Passado, presente e futuro se desmancham como instâncias sequenciais do tempo para dar lugar a uma experiência de temporalidade em que o tempo se mostra em sua totalidade, como um uno em que o que foi e o que poderá vir se condensam em uma infinitude. Essa experiência pode desvelar aspectos da existência antes não vistos. No instante, há o despertar para o caráter de ser a todo tempo abertura para a possibilidade em jogo no existir e ter que se a ver com isso a cada vez. A liberdade constitutiva do ser humano diz respeito a este aberto, aberto que apresenta, no seu abrir, a possibilidade do existir.

O salto e a elasticidade do salto irrompem com o estado de sequência do tempo normalmente interpretado no nosso tempo como um antes, agora e depois. A angústia é o “instante na vida individual” (KIERKEGAARD, 1844/2016, p. 90). O homem é uma síntese de alma e corpo colocada pelo espírito, mas também é uma síntese do temporal e do eterno, segundo Haufniensis (1844/2016). Entretanto, nessa segunda síntese, não há o terceiro termo, e isso faz com que se apresente uma contradição. Ambas as sínteses se dão em conjunto, mas a segunda, a do temporal e eterno é a expressão da primeira. É como a primeira síntese se expressa no existir (KIERKEGAARD, 1844/2016). Como ser temporal e ao mesmo tempo eterno? Aí está o paradoxo que nós mesmos somos, sem resolução.

O ser humano é uma síntese de temporal e eterno, mas o que se define pelo temporal? Na maior parte das vezes, se entende o temporal como passado, presente e futuro. Entretanto, esta é uma compressão que apenas podemos ter por que, de antemão, estamos sempre no tempo, existir é ser no tempo. Segundo Haufniensis, essa compreensão do temporal apenas surge da relação do tempo com a eternidade, eternidade que é a condição de possibilidade para qualquer concepção de tempo vir a ser. Como todo momento é passagem, é processo, um “desfilar” (KIERKEGAARD, 1844/2016, p. 93), então não podemos nomear um presente, algo estático que defina o agora, nem um passado e nem um futuro, pois tudo é um constante movimento.

Tendemos a pensar o tempo como uma sucessão que passa. Se somos capazes de espacializar o tempo, é por que, de antemão, somos sempre em um tempo que desejamos deixar estático para, assim, podermos capturá-lo, o tornarmos algo fixo para a representação. Nessa forma de lida, deixamos de refletir sobre como o tempo se mostra na experiência mesma. Refletindo, o que se mostra é que “a sucessão infinita do tempo é um presente infinitamente vazio” (KIERKEGAARD, 1844/2016, p. 93). O presente, segundo Haufniensis, não é um conceito do tempo, ele é vazio em si, que apenas se mostra em relação ao passado e futuro, conceitos que se mostram vazios também. Se pensa o tempo como uma progressão, mas uma progressão estática, no entanto, o seu caráter mais próprio é ser justamente fluidez.

O eterno é o presente, mas com a sucessão do tempo abolida (KIERKEGAARD, 1844/2016), não há passado e nem futuro. O que foi e o que virá se mostra em uma unidade, em um constante movimento que passa e se vai. No instante, o que foi se mostra como presente, assim como o que poderá vir. A sucessão se desmancha no eterno, que é o pano de fundo para qualquer concepção de tempo se dar.

O instante, em dinamarquês, é *øieblikket*. *Øie* significa “olho” e *blikket* significa “piscar”, um piscar de olhos. O instante é, portanto, como um piscar de olhos que é tocado pela eternidade, um avistar que ao mesmo tempo olha de um modo ainda não visto. O instante, para Haufniensis, “é o primeiro reflexo da eternidade no tempo, sua primeira tentativa de, poderíamos dizer, fazer parar o tempo” (KIERKEGAARD, 1844/2016, p. 95). No instante, o eterno se mostra e, nesse mostrar, o tempo para em sua sucessão, tudo se apresenta em conjunto no instante e o tempo se encontra com o eterno.

O instante se mostra quando o salto se dá e, juntamente, o espírito é posto, espírito que se relaciona consigo mesmo como angústia. No instante, o tempo vivido se toca com a eternidade e

com isso está posto o conceito de temporalidade, em que o tempo incessantemente corta a eternidade e a eternidade constantemente impregna o tempo. Só agora adquire seu significado a mencionada divisão: o tempo presente, o tempo passado e o tempo futuro (KIERKEGAARD, 1844/2016, p. 96).

A eternidade, portanto, se mostra como o pano de fundo de toda concepção possível do tempo. Essas concepções cortam a eternidade, pois a interrompem no seu fluir, apesar de serem sempre impregnadas pela eternidade. Há a compreensão comum do eterno como o futuro, o que virá, e isto só evidencia o aspecto da eternidade que se relaciona mais com o porvir. Definindo o tempo como passado, presente e futuro, o futuro se mostra como a instância mais próxima da experiência de eternidade, pois no futuro as possibilidades se mostram em sua infinitude. Tal qual o eterno, o futuro é mistério, o todo que está por vir, a eternidade incógnita. Já aquilo que passou se coloca, a cada vez, pelo instante e pelo futuro, em um constante fluir (KIERKEGAARD, 1844/2016). O passado por si mesmo não é possível de ser captado, apenas em uma simples relação contínua com o futuro. Da mesma forma, não se capta o futuro por ele mesmo, e sim em uma simples relação contínua com o presente.

Passado, futuro e presente coexistem em uma instância só e o modo de ser do homem é ser sempre uma síntese de temporal e eterno. O eterno é o passado e futuro em um instante, que se mostram como uma unidade inseparável entre si e com o humano. A angústia está relacionada, de modo completamente constitutivo, assim como o modo de ser do homem, com a temporalidade. Desse modo, o futuro extenso se mostra como aquilo que aparece próximo ao angustiar-se, assim como nos diz Haufniensis: “(...) o futuro, como angústia, é a possibilidade da eternidade (da liberdade) na individualidade” (KIERKEGAARD, 1844/2016, p. 98).

A angústia está intimamente ligada ao por vir. O possível se mostra como o por vir para a liberdade e ambos correspondem àquilo que se mostra na atmosfera da angústia. Quando se diz que há angústia pelo passado, não há essa atmosfera referente ao que se passou, mas sim à possibilidade do que foi acontecer diante do que está por vir (KIERKEGAARD, 1844/2016). Apenas numa relação de possibilidade do por vir com aquilo que aconteceu, que o passado pode se mostrar na atmosfera da angústia. Se há o angustiar-se pelo que passou, não é pelo infortúnio passado, mas sim pela possibilidade dele vir a repetir-se e ser futuro. Somos sempre tomados por angústia pelo possível e pelo porvir (KIERKEGAARD, 1844/2016).

O instante é o momento em que o eterno se mostra no tempo, o momento em que a eternidade corta a temporalidade e se instaura em um piscar de olhos. Nesse momento, o tempo se mostra de maneira mais originária, em um constante fluir, sem separações, mas em uma unidade que se coloca sempre em por vir. O instante do despertar para o caráter de liberdade provoca uma transformação na forma como o outro lida consigo, com o mundo e com os outros. Esse instante, que surge como súbito, que irrompe, não tem uma causa determinada, um momento ou um ambiente que o propicie, ele simplesmente se dá. A atmosfera da angústia diz respeito à abertura para a liberdade como possibilidade em que este instante se torna possível, possível como um modo de lida com a angústia, em que há a transformação.

A Psicologia tende a querer explicar a transformação, ela fantasia como é o indivíduo antes do instante do salto e, conforme vai se articulando uma compreensão sobre isso, afirma-se que, vagarosamente, juntando isto ou aquilo, o salto ocorre (KIERKEGAARD, 1844/2016). Entretanto, o salto é o súbito, o instante, aquilo que irrompe. O salto é um círculo e não uma linha reta. Querer transformar o súbito em linha reta é querer simplificá-lo para prevê-lo, na ilusão de assim conseguir alcançá-lo. O salto, a transformação, diz respeito ao mistério próprio da vida. Nesse sentido, pode-se buscar uma causa para a transformação, algo que a justifique, na dificuldade de se acolher aquilo que não diz respeito à explicação da lógica. A Psicologia encontra o seu limite no instante do salto, ela não pode ir além, não pode explicar o súbito, apenas pode acompanhar o desenrolar da trama existencial, o anterior e o posterior do salto (KIERKEGAARD, 1844/2016).

Na experiência, apenas a possibilidade pode se tornar uma realidade na atmosfera da angústia. A atmosfera da angústia não explica o salto, nem tão pouco o justifica, mas ela se mostra presente nesse movimento. A angústia não é uma determinação da necessidade, no sentido de ser algo necessário para a possibilidade se dar, entretanto, também não é uma determinação da liberdade, no sentido de tudo poder no vasto campo infinito das possibilidades. A angústia consiste em uma liberdade enredada. A liberdade não é enredada apenas no que se coloca como condições do existir, mas enredada nela mesma, no que vem com ela no momento em que ela se dá (KIERKEGAARD, 1844/2016). Enredada em sua próxima relação, nas condições do existir que se mostram em seu horizonte. No momento que a liberdade se mostra, ela se mostra enredada em uma situação, um contexto de sentido que é o dela. A liberdade não é algo isolado que se mostra como algo abstrato, mas sim algo sempre relacionado às condições do existir e ao que ela traz quando se mostra.

O mostrar-se da liberdade na angústia pode se desvelar e velar diversas vezes na existência, portanto, não é algo definitivo. Há pessoas que não são tomados pela angústia e, se são, logo conseguem fugir dela. Haufniensis diz que essas pessoas têm uma falta de espírito. Não é que não haja um espírito ali, mas ele não vem à tona enquanto tal. Existe como uma *fantasmagoria*, como um número na multidão, falando frases ocas. Sua verdade pode existir, mas não como verdade mesmo e sim como o que se ouviu dizer. Segundo Haufniensis, o *sem espírito* pode falar a mesma coisa do que o que *tem* espírito, mas não com a mesma força. Ele se torna uma máquina que pode imitar e repetir tudo que o espírito mais rico fala, mas ainda assim não estará próximo de si, será apenas uma repetição vazia (KIERKEGAARD, 1844/2016).

Na falta de espírito não há angústia; há, inclusive, demasiada alegria (KIERKEGAARD, 1844/2016). As pessoas que se dizem muito felizes, que não são tomadas por angústia, se veem como afortunadas, entretanto, segundo Haufniensis, são as que estão mais distanciadas de si mesmas, *sem espírito* (KIERKEGAARD, 1844/2016). Ainda que a angústia não se apresente, ela está lá, como que latente, pronta para se mostrar. O mascaramento da angústia está sempre presente e, caso ela arrisque dar as caras, logo é criado um artifício para ela não aparecer. Diante disso, há diversas formas da angústia se mostrar no existir, quando relacionada com a liberdade e não-liberdade.

A liberdade não pode ser vista como algo abstrato, objeto do pensamento, afastado da experiência, mas sim como algo que se dá concretamente no instante, que está sempre colocado. Não há como se pensar a liberdade sem já se estar implicada nela. A não-liberdade, portanto, está sempre referida à liberdade. É apenas porque se é originariamente livre que se pode posicionar como livre ou não-livre na existência. A liberdade e a não-liberdade são faces da mesma moeda, sempre em tensão no existir. Ora o indivíduo se coloca como livre, ora como não livre.

A angústia se mostra de determinadas formas quando está se relacionando com a liberdade e não-liberdade. Os modos de sucumbir a liberdade se dão em duas direções: como angústia diante do mal e angústia diante do bem. Em uma nota, Haufniensis (1844/2016) esclarece que *bem* se refere à liberdade e *mal* à não-liberdade. A análise desses modos da angústia não busca explicá-la quantitativamente, mas sim considerar as posições da liberdade diante da mesma.

O pecado, na estória de Adão e Eva, ao ser posto, anulou a possibilidade. Ela foi anulada, pois a possibilidade está presente apenas antes do pecar. Assim que a posição é tomada, a possibilidade passa a não existir mais, dando lugar à realidade.

Entretanto, pode-se lidar de diversas formas com esta posição, com esta realidade que se instaura: pode-se arrepender-se, mudar de direção, retomar a liberdade (PROTASIO, 2015). O indivíduo pode lidar de formas distintas com a consequência da posição, ele pode negar a realidade da angústia, procurando formas de mascará-la ou assumi-la, retomando a sua própria existência diante do arrependimento, transformando a não-liberdade em liberdade.

As formas de mascarar a angústia são diversas e muito presentes em nossas vidas e, similarmente, na clínica psicológica. Diante do arrependimento, o indivíduo procura formas para fugir da responsabilidade da existência. Coloca em outras pessoas e no mundo a culpa por ter agido de tal forma. Se coloca como uma vítima do mundo, como se não tivesse nenhuma posição diante do que vem ao seu encontro. Haufniensis também mostra que há uma possibilidade de o arrependimento da posição tomada levar o indivíduo ao deboche, entorpecimento, para justamente fugir do sofrimento diante da incapacidade de vislumbrar uma saída para este estado, reafirmando essa dita fraqueza e passividade diante da vida. Outra forma é a ira e a inveja como formas para lidar com esta dita fragilidade diante da vida, levando o indivíduo a ficar paralisado na inação, criando justificativas constantes para tal posição (PROTASIO, 2015). Em todas as situações, o indivíduo se vê como impotente, como à mercê do mundo e das pessoas, posicionando uma desistência da vida. As pessoas ficam presas na não-liberdade, não conseguem vislumbrar o caráter de *ser-capaz-de*. Esta angústia é denominada por Haufniensis como angústia diante da não-liberdade. A angústia diante da não-liberdade se refere àquela que está na liberdade, mas que se vê diante da falta de liberdade.

O indivíduo, nesta condição, se vê diante da não-liberdade e isso apenas é possível porque originariamente se é liberdade, sempre capaz-de, possibilidade. Além dessa, há a apresentação de outras formas da angústia. A segunda formação, segundo o autor, a angústia diante da liberdade, é a do *demoníaco*, uma relação forçada com a liberdade (KIERKEGAARD, 1844/2016). O indivíduo está na não-liberdade e se angustia diante da reintegração da liberdade. Haufniensis define esta forma da angústia:

O demoníaco é a não liberdade que quer encerrar-se em si mesma. Entretanto isso é e sempre será impossível, ela sempre mantém uma relação e, mesmo se aparentemente desapareceu de todo, não deixa de estar aí, e a angústia mostra-se prontamente no instante do contato [com o bem] (KIERKEGAARD, 1844/2016, p. 134).

O *demoníaco* encerra a si mesmo, e a não-liberdade faz de si uma prisioneira, sempre se fechando para não entrar em contato com a liberdade, que está a todo tempo se mostrando na existência. Este fechamento não se refere a uma interioridade fechada, encapsulada, mas se dá enquanto relação, posicionando-se de forma que se confunde com o outro, perdendo-se de si mesma. Toda vez que o indivíduo se esconder de si mesmo e dos outros, confundir-se com o outro, sem assumir sua própria existência, o fenômeno será *demoníaco* (KIERKEGAARD, 1844/2016). O que define o *demoníaco* é a posição do indivíduo na existência diante do despertar da liberdade. Sempre que ele não se posicionar enquanto liberdade, estará no *demoníaco*.

O hermetismo é a forma como o indivíduo se mostra quando está no *demoníaco*. Neste estado, há uma mudez na riqueza da fala. Quando o hermético fala, é só um falatório esvaziado, sem conteúdo, distante de si mesmo. Não consegue chegar ao ponto em que se encontra e falar de si. Quando a liberdade se aproxima um pouco e entra em contato com o hermético, ele fica imediatamente angustiado. O hermetismo consiste na presença do *demoníaco* para logo em seguida se esconder novamente, um jogo constante de desvelamento e velamento.

O autor adverte que é necessário ter um cuidado para não tomar esse hermetismo como algo distante de si, que não diz respeito a nós. Todos somos afetados por este fenômeno igualmente nas diferentes esferas (somática, psíquica e pneumática) (KIERKEGAARD, 1844/2016). A amplitude em que isto se dá na existência é enorme e basta estarmos um pouco atentos que conseguimos nos ver mergulhados no *demoníaco*. Portanto, estar na não-liberdade ou liberdade são modos possíveis da existência se dar, não estados fixos e ideais, mas sim estádios sempre em tensão no existir.

Na atmosfera da angústia, o indivíduo *pode* se aproximar de algo que antes não estava próximo e, estando próximo do seu caráter de liberdade como possibilidade, ele pode ter um diálogo consigo mesmo, com esse mesmo que se é. Dialogar com aquilo que há de mais próprio em si mesmo. Nós *temos* de ser, temos de os posicionar e esse nosso constitutivo caráter de abertura instaura o diálogo consigo mesmo. Este diálogo consigo mesmo pode se dar de diversas formas e até mesmo nunca se dar, apesar de sermos sempre relação com nós mesmos e temos de nos a ver com isso. Se a angústia pode ser definida como o mostrar-se da liberdade para si mesma na possibilidade (KIERKEGAARD, 1844/2016), é algo que ocorre singularmente, uma experiência que apenas o indivíduo, na sua relação com ele mesmo, pode experienciar. Dito isso, qual o lugar da psicologia clínica nessa experiência?

1.2 A PSICOLOGIA CLÍNICA E O DESPERTAR DA LIBERDADE NO EXISTIR

Há um conto dos irmãos Grimm que narra a estória de um jovem, o João sem medo, que não se angustiava na vida. Por mais que as pessoas a sua volta tentassem induzi-lo, nada era despertado. Em busca da experiência do angustiar-se, o jovem resolveu se aventurar pelo mundo. Ele passou por situações consideradas, no senso comum, tenebrosas, mas não se inquietou diante delas. No final do conto, após passar por diversas aventuras e chegar em sua casa, algo aconteceu. Uma pessoa jogou um balde de água fria com vários peixes em cima dele enquanto ele dormia. Quando fizeram aquilo, o súbito se deu e ele foi tomado por angústia.

O conto mostra o quanto a angústia não possui uma causa e um objeto específico, ela é nada e surge como o súbito. O angustiar-se não se refere a algo possível de ser alcançado pelo esforço voluntário. Este é o maior dos mistérios. É uma atmosfera na qual alcançamos simplesmente por alcançar. Não há explicações ou causas, ela simplesmente se dá em seu mostrar-se, no seu *sendo*.

Haufniensis afirma que a aventura da vida é aquela pela qual todos têm de passar para aprenderem a se angustiar. Aprender a se angustiar “para que não se venham a perder, nem por jamais terem estado angustiados nem por afundarem na angústia; por isso, aquele que aprendeu a angustiar-se corretamente, aprendeu o que há de mais elevado” (KIERKEGAARD, 1844/2016, p. 168). O se formar pela angústia, no sentido de aprender com essa atmosfera, é um aprender com aquilo que se mostra como o mais fundamental da vida, sermos sempre liberdade como possibilidade para as possibilidades.

Como nos diz Kierkegaard (1844/2006, p. 169): “aquele que é formado pela angústia é formado pela possibilidade”. O campo das possibilidades é extenso e inalcançável, ao mesmo tempo que a realidade não é. Justamente por isso, a possibilidade é a condição existencial mais pesada de toda a existência (KIERKEGAARD, 1844/2016). Pode-se pensar que a realidade é mais pesada, por ser palpável, por estar diante de nós e ser sofrida na carne, entretanto, o vasto horizonte da possibilidade é ainda mais doloroso, justamente por ser infinito. Tanto a possibilidade mais doce pode se mostrar, como a que mais apavora. Nesse momento, se avista a angústia e apenas quem é formado pela possibilidade, se forma de acordo consigo mesmo. A angústia apenas encontra repouso na entrega à própria angústia. Um formar-se pela angústia é um se entregar para o caráter de ser liberdade como

possibilidade para a possibilidade. Um abraçar e dar boas vindas à angústia e ao que ela traz consigo de mais próprio da existência.

No angustiar-se não há a conquista de uma meta, de algo palpável. A solução esperada na nossa época sustenta que tudo a ser feito é visto por um fim, por um resultado e como um recurso a ser alcançado. Essa atmosfera não gera resultados, angustiar-se não faz com que consigamos mais rápido o que desejamos. Então, ora, por que permitir ser permeado pela angústia, sem procurar fugir da mesma? Nela nos encontramos com o que há de mais próximo: nós mesmos. Este encontro não gera garantias, não gera recursos, ele apenas é por ele mesmo. Quando nos aproximamos de nós, não passamos a fazer melhor as coisas do mundo contemporâneo, como trabalhar, ser produtivo, proativo, etc., mas tudo que fazemos se torna mais evidente para nós, tudo se mostra de uma forma mais nítida, inclusive nossas relações com os outros e com o mundo. Angustiar-se é ser quem se é de forma mais desperta.

A psicologia sob inspiração kierkegaardiana se encaminha para um cuidado no qual a atmosfera da angústia se mostra extremamente relevante devido ao seu caráter único de aproximação do indivíduo consigo mesmo. Seguindo as indicações de Haufniensis (1844/2016), propomos pensar uma clínica psicológica que se aproxime da experiência como ela se mostra no seu desvelar, sem contar com pressupostos, com conclusões que antecipem o que se desvela no próprio mostrar. Sendo assim, uma clínica psicológica próxima à *terra firme* é uma clínica que se aproxima do que se desvela na existência daquele que procura o psicólogo, que se aproxima dos sentidos tecidos no existir do outro para, próximo a isso, poder acenar para o outro aquilo que é dele mesmo e poder ajudá-lo a tecer e destecer aquilo que diz respeito à trama da sua própria existência.

Muitas vezes, nós estamos afastados das nossas *terras firmes*, nos encontramos perdidos da nossa própria medida. A *terra firme* é a existência, é o que há de mais fundamental no nosso ser, o caráter de liberdade como possibilidade. Como dito anteriormente, muitas vezes estamos adormecidos para o que nos constitui enquanto indivíduos, vivendo como uma *fantasmagoria*, longe daquilo que é mais firme na nossa existência, mais próprio de nós mesmos. Essa terra é firme, pois esse caráter abre mundo ao mesmo tempo que abre relação com o mundo, com nós mesmos e com os outros. A *terra firme*, aquilo que é constitutivo do nosso ser, é a condição para podermos caminhar, o caráter de liberdade como possibilidade é a condição para tudo se mostrar na existência.

O caráter de liberdade como possibilidade para as possibilidades faz com que, por mais que tentemos, não conseguimos fugir completamente de nós mesmos e, mesmo quando tentamos fugir, a vida nos coloca novamente em encontro, seja pelas contingências do existir ou dos acontecimentos que irrompem e nos mostram aquilo que nossos olhos não podiam ver antes. À psicologia clínica, cabe acompanhar os contornos da possibilidade, aquilo que se mostra como vida para a pessoa que procura o psicólogo, acenando ao outro o caráter que lhe é próprio, de ser abertura e, nessa abertura, ter de ser.

Aproximar-se de si, se aproximar das questões que lhe atormentam, se aproximar dos sentidos que tecem a própria existência pode fazer com que o indivíduo desperte para o seu caráter mais próprio, para a sua terra mais firme. E, nesse despertar, os sentidos sedimentados podem se tornar mais fluídos e permeáveis. Nesse instante, pode haver uma transformação, uma mudança de olhar diante daquilo que antes gerava inquietude.

Não é possível gerar o instante de transformação de modo técnico ou definir suas causas específicas, é possível apenas acompanhar o momento anterior e posterior, em uma angústia descobridora. O salto é uma possibilidade na vida daquele que procura a clínica psicológica, mas não algo necessário, visto como uma meta a ser atingida. A psicóloga aguarda, pacientemente, acompanhando o mostrar-se da existência daquele que chega até a clínica psicológica. Nesse aguardar que se dá com o outro, algo pode irromper, existência pode se mostrar e, nesse mostrar, pode haver uma transformação.

O formar-se pela angústia, no sentido de aprender com o que ela desvela, é um se formar pela possibilidade. Possibilidade que está, a todo tempo, emergindo no existir. Essa possibilidade diz respeito ao modo de ser próprio do ser humano, de ser sempre abertura, ser sempre capaz de ser, ao mesmo tempo que tem de ser. Ter de ser em um campo de liberdade e possibilidade. A psicologia clínica, portanto, acompanha o caráter próprio de liberdade daquele que procura a sua ajuda. Nesse horizonte de liberdade, infinitas possibilidades de compreensão, de sentidos e modos de se relacionar com o que ocorre se dão. Acompanhando o que surge no encontro clínico e acenando-os para aquele que os desvela, torna possível que o outro se aproxime de si mesmo e cuide daquilo que apenas ele mesmo pode cuidar. Despertando para a rede de sentido que permeia sua existência, o indivíduo pode ver a mesma como possibilidade e não como uma necessidade. Sendo possibilidade, é possível se relacionar de uma outra forma.

A clínica psicológica não pode abarcar o salto. No instante do súbito, o indivíduo encontra-se com o seu caráter mais próprio. Esse instante apenas acontece no encontro de si consigo mesmo, em uma solidão que é abertura. A psicóloga não pode alcançar esse instante ou estar presente no mesmo, pois ele apenas pode ser experienciado por aquele que o vive. Entretanto, cabe à psicóloga acompanhar o outro no desfilar da vida, questionando os sentidos sedimentados, ajudando a refletir sobre as suas verdades estabelecidas e os sentidos que permeiam o seu modo de lidar com a vida. Devolvendo para o outro, como um espelho, ele mesmo, aquilo que o inquieta e o faz procurar ajuda, sempre sustentando a possibilidade da transformação, do súbito irromper.

Copiar os contornos da possibilidade é acompanhar o outro na abertura para a possibilidade que ele mesmo é. Sem colocar uma resolução, uma causa ou uma lógica, mas estar próximo do que há de mais firme na existência daquele que procura ajuda, que é abertura. Abertura que é liberdade. E justamente essa liberdade como possibilidade para a possibilidade é o que há de mais firme, é o solo que estamos sempre caminhando na nossa existência. Esse solo sustenta e é condição de tudo que é e virá a ser.

Muitas vezes, podemos nos encontrar distantes desse solo. Tentamos pegar as nuvens, mas quando finalmente as alcançamos, elas se mostram como nada, um nada que não é possível de se pegar. Uma neblina que impede a visão. As nuvens são como as lógicas do nosso tempo, lógicas que parecem que asseguram a vida, que dão certezas e um solo firme, mas quando nos aproximamos das mesmas, percebemos que elas não são nada em si, são ilusões, não são suficientes para abarcar a existência em sua multiplicidade. O solo firme é a existência, a liberdade para a possibilidade própria do ser humano. Entretanto, esse solo firme também é o que há de mais arriscado, pois não há garantias, certezas, causas e consequências, há vida. Vida que acontece a todo tempo e que temos que lidar, lidar sendo o si mesmo que somos.

O lugar da psicologia clínica existencial é próximo à *terra firme*, o que se mostra na existência mesmo, sem se perder nas elucubrações da lógica, na ilusão de uma certeza ou uma causa definida que extingue a multiplicidade da vida. Caminhamos no paciência do movimento do outro, no movimento de encontro do outro com ele mesmo. Da descoberta de si e do deixar-se formar pela vida, em um aprender com aquilo que a vida pode ensinar.

Não há uma meta a ser atingida, mas uma abertura para a possibilidade do encontro do outro consigo mesmo, do súbito, do salto. A psicologia clínica existencial

instiga o outro a refletir sobre a sua existência em sua multiplicidade, a pensar na forma como lida consigo, com o outro e com o mundo. A destecer e tecer sentidos que dão substância à sua existência. Instiga o outro a aproximar-se de si e, nessa aproximação, ver a si mesmo de modo mais próximo.

A psicologia inspirada em Kierkegaard tem sido estudada por pesquisadoras diversas como Feijoo, Protasio e Mattar. Em seus escritos, há apontamentos que sustentam um clínico psicológico próximo à experiência, assumindo uma posição em que a existência pode surgir como liberdade, abrindo a possibilidade para o encontro consigo mesmo, em uma entrega mútua no encontro clínico, como nos diz Protasio (2019):

Em nosso entender, a clínica se constitui como espaço de confiança tanto no sentido do fiar junto, como no sentido de uma entrega aos possíveis não previamente determinados, o que implica fé. O clínico, ao mesmo tempo em que se fia no presente, está lançado na continuidade como o campo onde uma transformação pode acontecer, onde uma medida *pode* ser conquistada e, nesta conquista, uma transformação *pode* acontecer (PROTASIO, 2019, p. 151).

Protasio (2019) nos mostra, em seus escritos, uma clínica psicológica inspirada na filosofia de Kierkegaard que sustenta-se no modo próprio do acontecer da relação entre psicóloga e paciente, na relação onde a vida se mostra, em um tecer junto. A clínica é um demorar-se na possibilidade, de onde pode surgir uma articulação que transforma, um descobrir e se aproximar de si mesmo no modo de lida com as suas questões da existência, que se mostram sempre de modo singular em tensão com o universal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, pudemos discutir alguns aspectos do sentido da angústia conforme aparece na obra *O conceito de angústia* (1844/2016). A palavra *conceito* vem do latim *conceptus*. Conceber pode ser entendido como *dar à luz*, como se fala no senso comum em relação ao nascimento de uma criança. Nesse sentido, entendemos o conceito de angústia como um trazer à luz a possibilidade, desvelar seu sentido. O autor nos ajuda a vislumbrar uma possibilidade mais livre de se compreender a angústia, sem procurar explicá-la, mas acompanhando o seu desvelar, sem o véu

das determinações e representações tão vigente em nosso tempo. A angústia, para Haufniensis, é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade. É o momento que precede o salto e a transformação decorrente do mesmo. O que interessa à Psicologia é a atmosfera que precede a transformação, o súbito que pode se instaurar na atmosfera da angústia.

Sempre direcionada ao por-vir, às possibilidades enquanto abertura, a angústia abre toda uma existência diante do indivíduo. Esta obra nos ajuda a vislumbrar uma psicologia clínica que se aproxima do existir próprio, acompanhando o desenrolar da trama da existência. Sem pretender explicar o fenômeno do existir, nem criar um ideal a ser atingido, ela chega humildemente, saindo do lugar de suposto saber. Pretende apenas trilhar, com calma, o caminho do existir, sentindo o chão embaixo dos pés, o vento que toca a pele e os sons que se misturam, com a atenção de um aventureiro diante de uma aventura. A clínica assim é experiência: aventura.

Fundamentalmente, somos mera abertura como possibilidade para a possibilidade. Abertura essa que não é infinita, mas sempre enredada no contexto histórico que ela se abre e enredada nela mesma como abertura. Diante das possibilidades, nos posicionamos e reposicionamos a cada vez na existência e, nesse fluxo de ter-de-ser e sempre ser-capaz-de, existimos em uma constante tensão que é vida.

O ser próximo de si não dá poder, glória, pois à multidão, ao todo-mundo, isso não interessa. Há o entregar-se ao nada que nós mesmos somos e ao que a vida apresenta para nós. Não há ganhos materiais com esta entrega, pois ela não interessa à multidão, entretanto, há o ganho daquilo que está mais próximo de nós: nós mesmos. O aguardar da clínica psicológica é um aguardar que cuida, suspendendo as próprias expectativas e deixando o outro ser a partir de si mesmo. Um cuidado atento que busca manter aberto o campo da possibilidade despertado pela angústia.

REFERÊNCIAS

- ÁLVARO, J. L.; GARRIDO, A. **Psicologia social: perspectivas psicológicas e Sociológicas**. Porto Alegre: AMGH, 2017.
- FEIJOO, A. M. L. C. et al. (2013). **O pensamento de Kierkegaard e a clínica psicológica**. Rio de Janeiro: IFEN, 2013.
- KIERKEGAARD, S. A. (1844). **O conceito de angústia**. Trad. de Álvaro Luiz M. Valls. Petrópolis: Vozes, 2016.
- _____. (1849). **O desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- _____. (1859). **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- MAY, R. (1948). Orígenes y significado del movimiento existencial en psicología. In: _____; ANGEL, E.; ELLENBERGER, H. R. (Ed.). **Existência: nueva dimensión en psiquiatria y psicología**. Trad. de C. S. Gil. Madrid: Gredos, 1977. p. 19-57.
- MATTAR, C. M. **Psicologia, cuidado de si e clínica: diálogos com Kierkegaard e Foucault**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016.
- PIND, J. L. The psychologist as a poet: Kierkegaard and Psychology in 19th- Century Copenhagen. **History of Psychology**, v. 19, n. 4, p. 352-370, 2016. DOI: [http:// dx.doi.org/10.1037/hop0000039](http://dx.doi.org/10.1037/hop0000039)
- PROTASIO, M. M. Possibilidade e edificação na constituição de um pensamento clínico em psicologia. **Arquivos do IPUB**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 139-157, jan./abr. 2019.
- _____. **O si mesmo e as personificações da existência finita: comunicação indireta rumo a uma ciência existencial**. Rio de Janeiro: IFEN, 2015.

